

2014/11/10

A Europa precisa da NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

A pergunta pode parecer provocativa, inoportuna ou mesmo não fazer sentido, principalmente à luz da situação na Ucrânia e das recentes demonstrações do poder aéreo russo no espaço europeu, que alguns consideraram manobras de intimidação muito preocupantes, eventualmente sinais de um regresso à Guerra Fria, Pacto de Varsóvia, etc.



No entanto, na minha perspetiva, se é uma pergunta provocativa será apenas pela forma como está formulada. Não pela essência da questão que levanta, que tem por detrás a preocupação de indagar se a atual NATO, tal como está a funcionar, é o que melhor serve os interesses europeus.

É óbvio que a Europa precisa de uma aliança que corporize um estreito relacionamento com os EUA, mas a base em que assenta o atual, muito marcado por um acentuado desequilíbrio dos contributos militares dados pelas duas margens do Atlântico - que aliás continua a acentuar-se - não serve o propósito de manutenção da Aliança no nível de credibilidade que manteve na Guerra Fria. Está a servir apenas para dispensar os europeus de assumirem a sua quota de responsabilidades. Este é um efeito perverso que é preciso combater, talvez tentando responder à pergunta sobre "que fariam os europeus se não existisse a NATO"?

A situação mantém-se porque é financeiramente atrativa para a Europa mas tem custos políticos pesados com que ninguém se parece preocupar, possivelmente porque afeta todos e nenhum em particular. Coloca os europeus numa posição de subserviência militar que, curiosamente, não se verifica em mais nenhuma área do relacionamento transatlântico e leva a confundir a NATO com os EUA, devido a uma presença política excessiva da potência líder. Esta condição não facilita a penetração da organização em algumas regiões, como é o caso, por exemplo, do Atlântico Sul. Facilita o arrastamento da NATO para empreendimentos e políticas que precisariam de ser mais temperadas pelos interesses europeus como foi o caso da tentativa americana de fazer aceitar o ingresso da Ucrânia e da Geórgia na NATO, processo parado no último instante pela Alemanha e França, mas que ficou mal resolvido com a manutenção de uma promessa de futuro ingresso.

Como já tinha acontecido no caso da Geórgia, Moscovo aguardava apenas uma oportunidade de complementar com uma intervenção militar a indisponibilidade política que já tinha mostrado para aceitar qualquer cedência no caso da Ucrânia, que considera uma área quase sagrada de influência, como o território por onde no passado a Rússia foi várias vezes invadida. Por coincidência ou não, foram precisamente esses dois países que vieram a ser invadidos pela Rússia, o que, de momento, constitui a essência da crise de relacionamento com Moscovo.

Infelizmente, a decisão da NATO na Cimeira de Chefes de Estado e de Governo, em setembro, em resposta a esta situação só veio a dar razões a Putin de que não precisa de se preocupar com a NATO. O saldo das medidas tomadas não foram

além de algumas iniciativas militares de natureza simbólica, mas que mesmo assim aguardam validação em fevereiro em cimeira de ministros da defesa, e da renovação do compromisso antigo, mas nunca honrado, de fazer crescer os orçamentos de defesa para 2% do PIB, no espaço de dez anos!

Num ambiente de segurança que quase não tem pontos comuns com o da Guerra Fria - não obstante a atual postura da Rússia sugerir a ideia de um regresso ao passado -, a NATO não pode continuar a tentar manter-se organizada nas bases em que funcionou durante a Guerra Fria, isto é, assente quase apenas no potencial militar dos EUA, e em especial no seu arsenal nuclear. Isso deixou de ser possível por várias razões. Em primeiro lugar, porque tendo a Europa deixado de estar no centro das preocupações estratégicas dos EUA, a tendência que se acentua é estes esperarem que as crises sejam resolvidas localmente pelos primeiramente visados, como aconteceu, por exemplo, na crise Líbia. Em segundo lugar, porque, presentemente, há diferenças de interesses e de maneiras de encarar a solução para os desafios que se põem e a isso deve corresponder uma capacidade autónoma da Europa para os resolver.

Posto isto, eu diria, em resposta à pergunta que constitui o título deste artigo, que se a NATO continua a servir para os europeus não terem que assumir a linha da frente da sua própria segurança então a Aliança está a ter uma função que compromete o seu futuro e a própria segurança da Europa. Já não sendo militarmente útil aos EUA, porque os europeus não se mostram capazes de dar uma contribuição relevante, deixará também de ser útil à Europa, apesar de continuar a ser necessária.